

ENIGMAS DA CIDADE ELETRÔNICA

CERBINO, Ana Luíza Fernandes

Mestra em Ciência da Arte/UFF; Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFF/PPGCOM.

E-mail: analuzacerbino@yahoo.com.br

RESUMO

Este trabalho parte da análise de Otávio Ianni sobre o jogo das forças sociais para analisar as relações engendradas nas cidades contemporâneas. Tal articulação permite visualizar, no espaço urbano, importantes questões como o uso das novas tecnologias comunicacionais, a ideia de cidade eletrônica e cidade global, assim como a própria ideia de globalização. As cidades transformam-se, e a comunicação nelas instauradas ganham novos sentidos, instaurando um constante fluxo informacional que acaba por transfigurar o espaço.

Palavras-chave: Fluxos Comunicacionais. Espaço. Cidade Eletrônica.

1 PARA INICIAR

Obra de arte consciente, nas palavras de Lewis Mumford (1965), ou ainda vista como uma “totalidade irreduzível”, a cidade possui um caráter transformador, sendo possível compreendê-la como obra modelável, um artefato vivo, constituído de matéria e espírito. Uma forma configurada pelos aspectos urbanísticos e arquitetônicos, resultante de um trabalho complexo que expressa a marca de seus autores, de seu tempo e de seu lugar.

Entretanto, essa breve reflexão se direciona para a investigação de aspectos que valorizam abordagens outras. Para isso, parte-se da análise que Ianni (2000) realiza sobre os jogos das forças sociais. Nela, o autor afirma que a globalização altera quantitativa e qualitativamente as formas de sociabilidade, com novas tecnologias eletrônicas impregnando generalizadamente todas as esferas da sociedade nacional e mundial. No seu entender, há que se perceber a existência de um “príncipe eletrônico” que sem o qual seria difícil compreender a teoria e a prática da política na época da globalização. Para o autor, tal figura apresenta-se como uma “entidade nebulosa e ativa, presente e invisível, predominante e ubíqua, permeando continuamente todos os níveis da sociedade, em âmbito local, nacional, regional e mundial” (IANNI, 2000, p.148).

Tal figura mediatiza e transforma ainda as relações cotidianas, simbólicas e materiais. Surge, assim, a democracia eletrônica, a política eletrônica e, até mesmo, a tirania eletrônica, apresentando-se como espetáculos dentro de outros espetáculos, no sentido de que símbolos e signos se modificam, assim como territórios e fronteiras acabam por se deslocar. Identidades são alteradas, emergindo um novo mundo desenhado a partir da pós-modernidade. É a partir da figura do príncipe eletrônico, visto também como um “intelectual orgânico” dos grupos e classes dominantes, que Ianni (2000) formula sua *ágora eletrônica*.

Cabe, então, refletir sobre as diversas imagens que podem surgir a partir dessa figura. E a primeira delas é a da “cidade eletrônica” [1] ou mesmo da “cidade

imaginada”. Eletrônica por apresentar espaços eletrônicos elaborados através de sistemas e de novas mídias digitais, e imaginada por ser uma tentativa de se pensar a cidade ideal. É importante ressaltar ainda a existência de uma imbricação e até mesmo de uma sobreposição entre os aspectos físicos e rígidos da cidade contemporânea com os seus aspectos eletrônicos. Várias são as interações, visíveis ou não, entre tais aspectos em que redes e conexões são construídas interligando a vida urbana.

Dessa forma, as cidades são entendidas, cada vez mais, como “centros de cruzamentos e interconexão de redes sociais, institucionais e tecnológicas”, abrigando diversas etnias, culturas, classes e religiões. Cidade eletrônica, maleável, mas que prescinde de uma presença física, construída, mesmo que os estudos sobre as modernas sociedades apontem uma nova produção social do espaço e do tempo. A imagem dessa cidade sugere, então, um novo ambiente derivado das redes comunicacionais e informatizadas. Uma cidade global em que a informática e as telecomunicações aceleram ritmos, abrem novas possibilidades de dinamização de forças produtivas e criam meios rápidos e abrangentes de produção e reprodução material e cultural (IANNI, 2002). Enfim, um panorama que se modifica rapidamente, seja através das próprias forças do capital, seja através da globalização que padroniza espaços encoberta pelo discurso da heterogeneidade.

Mas como tais mudanças podem interferir na construção de nossas cidades? Podemos ainda vê-la como um conjunto de coisas desejadas e produzidas pelo homem, resultando em uma textura de lugares? Como entender essa estrutura que transcende limites, barreiras e espaços? A que tipos de cidade nos conduzirão as novas tecnologias informacionais de comunicação?

Neste ponto, podemos retornar ao príncipe eletrônico criado por Ianni (2000) e perceber que, a reboque dessa imagem, a globalização, as novas tecnologias de comunicação e informação, assim como os produtos culturais daí derivados tecem uma complexa e ampla rede que alcança tudo e todos.

2 CIDADE CONTEMPORÂNEA: global, eletrônica

Quando falamos em cidade, pensamos logo em ocupação maciça dos espaços, em mistura social, variedade cultural e centralização de funções administrativas, culturais, políticas, etc. Essa é a imagem mais comum das grandes cidades mundiais. Porém, a transformação atual das estruturas urbanas coloca em questão essas mesmas composições espaciais, desarticulando ambientes, alterando a rede de sociabilidade, sobrepondo tempos e espaços, expandindo periferias urbanas, entre tantos outros aspectos.

Vale lembrar o questionamento que Barbero (2003) faz sobre as mudanças que a globalização produz nas sociedades sem sermos enredados, segundo ele, pela ideologia

mercantilista que orienta e legitima seu atual curso, sendo identificada por alguns como a única e possível utopia, e, por outros, como o mais aterrorizante dos pesadelos, o da substituição dos homens por técnicas e máquinas. No seu entender, há que se pensar com qual categoria estamos trabalhando e pensando o espaço, pois, ao “transformar o *sentido do lugar no mundo*, as tecnologias da informação e da comunicação - satélites, informática, televisão - estão fazendo com que um mundo tão intercomunicado se torne indubitavelmente cada dia mais opaco”. Opacidade adquirida, entre outras coisas, pela introdução da virtualidade e da velocidade em um “espaço-mundo feito de redes e fluxos e não de elementos materiais”. Entretanto, este mesmo mundo necessita de um tipo de “ancoragem territorial”, pois mesmo atravessado por redes do global, o lugar segue feito do tecido das proximidades.

É nos grandes centros urbanos que a globalização se manifesta em sua plenitude [2]. E é também onde se percebe uma distância ainda maior entre a urbanização globalizada e a cidade tradicional, não-integrada, das megalópoles do Terceiro Mundo, isto é, há uma certa diferença entre as cidades propriamente globais e aquelas emergentes [3]. Nesses “centros regionais emergentes”, serviços globalizados coexistem com outros setores tradicionais, com atividades econômicas informais ou marginais, com serviços urbanos despreparados e deficientes, com a violência, o desemprego e a insegurança.

A tensão aí existente deriva, segundo Canclini (2003), da expressão extrema da tradição e da modernização global, gerando conflitos, desigualdades e desintegração. Um sentido de não-pertencimento encobre segmentos da sociedade que não encontram resposta aos seus desejos, (re)criando, assim, cada vez mais tensões.

A partir dessas considerações, importantes questões surgem: que cidade global é essa? Como ela também se tornou eletrônica?

Segundo Ianni (2002, p.53), a “cidade global pode ser considerada um momento excepcional da realidade social, uma síntese privilegiada do encontro entre geografia e história, uma formação sociocultural em que grande parte da vida social aparece de forma particularmente desenvolvida, acentuada, exacerbada”. Além disso, é na cidade que estão presentes as condições e os produtos da dinâmica das relações sociais, do jogo das forças políticas e econômicas, da trama das produções culturais. Local em que as expansões do capitalismo atravessam fronteiras e mercados, em que as relações econômicas adquirem uma forma tipicamente urbana sendo enredadas no sistema global. À medida que o capitalismo estabelece novas formas de controle e expansão, as cidades acompanham tal processo, sejam elas emergentes ou mundiais.

A “cidade global que se torna realidade é a que se produz como condição e resultado da globalização do capitalismo”, já que a própria história do desenvolvimento de núcleos urbanos se entrelaça com o desenvolvimento capitalista ali encontrado.

Assim, mudanças políticas, sociais, culturais e até mesmo ambientais e geográficas estão atadas às mudanças de práticas econômicas, engendrando as partes constitutivas do urbano. Percebe-se que tudo está conectado, pois é a cidade que movimenta o capital, que reproduz o capital. E a reboque dessa dinâmica, espaços e lugares modificam-se constantemente, conectando-se em redes complexas de infra-estrutura, criando espaços de um urbano invisível e desenvolvendo uma realidade própria da cidade global do início do século XXI.

Mas o que está em jogo são as dinâmicas sociais, políticas e econômicas das diversas redes tecno-sociais que enredam as cidades contemporâneas, em que um complexo paradigma comercial envolve, praticamente, quase todos os espaços, lugares e locais do globo, e cada lugar mantém relações diferentes entre si. Tais relações, além de se realizarem no espaço construído da cidade se realizam de outra forma. É o que se designa espaço digital, ou espaço eletrônico ou, ainda, cibercidade. Esse espaço eletrônico não deve ser considerado somente como um espaço de transmissão, mas também como espaço de (re)produção do capital. E a cidade que emerge dessa estrutura é resultante de um conjunto de máquinas que interagem simultaneamente via rede de informática.

Globalizam-se a economia e as comunicações, favorecendo, para o bem e para o mal, o desenvolvimento cosmopolita das cidades, principalmente daquelas ditas emergentes. Para além das questões relacionadas ao cruzamento entre o global e o local, percebe-se que a discussão migra para outras áreas, como o papel do Estado nas questões econômicas e sociais, além da própria reflexão sobre políticas culturais que entendam o momento da atual globalização, entre tantas outras.

Nessa “era do globalismo”, essencial é entender como isso se reflete nas cidades, o que as domina e como elas se formam. Segundo André Lemos (2002, *on line*): (...) as atividades dominantes da sociedade em rede (finanças, serviços, comércio, mídia, entretenimento) estão organizadas em torno da lógica dos espaços de fluxos, enquanto a maioria das formas de construção autônoma de significado, identidade e resistência social e política foram e estão sendo construídas no ciberespaço mas também, e cada vez mais, em torno do espaço de lugar. As tecnologias móveis formam comunidades ao mesmo tempo planetárias e ancoradas no lugar. A grande questão será fazer dessa inter-relação de espaços uma ferramenta de redemocratização, de aquecimento do espaço público, de melhoria da cidadania e da vida social.

Importa, assim, perceber que, se os espaços estão sendo reconfigurados por conta de redes telemáticas que invadem o espaço físico, tal fisicidade ainda é imprescindível para a própria existência da sociedade. O crescimento desses espaços eletrônicos não está se dirigindo para dissolução das cidades, continua Lemos, na verdade, os lugares urbanos e os espaços de fluxo eletrônico influenciam-se mutuamente na cidade.

Podendo ser definida como “resultado de um conjunto de máquinas que interagem simultaneamente via rede de informática”, a cidade eletrônica é antes de tudo, não um lugar, e sim um processo caracterizado pelo predomínio do espaço de fluxos (CASTELLS, 1999). Apesar da economia e das relações sociais se processarem, majoritariamente, nas cidades reais (a produção, as trocas e a cultura de massa), cada vez mais, tem-se a expansão da cidade eletrônica colocada pelas redes. Isso porque a rede existente nesta cidade invisível incrementa a materialidade da economia capitalista via sistemas interativos diversos. Logo, as cidades eletrônicas possibilitam não só uma desterritorialização da sociabilidade, mas também, e principalmente, uma desmaterialização de processos capitalistas de produção, circulação e consumo. É a cidade dos fios, dutos, túneis, ruas, vias expressas, redes técnicas, imaginárias e sociais que se intercalam construindo um complexo organismo, cuja própria existência está atrelada às novas tecnologias digitais.

3 ESPAÇOS ANTAGÔNICOS: a vida urbana contemporânea

A vida urbana contemporânea revela-se, então, no entrelaçamento de ambientes antagônicos, mas que se interconectam e coexistem e esse parece ser o seu ponto principal. Entretanto, a cidade continua a ser o principal “artefato” construído pelo homem, pois é nela que se agrupa socialmente, construindo culturas híbridas e fazendo parte de um lugar, elaborando uma outra dimensão do estar, criando a “polis” contemporânea inserida na sociedade das redes informacionais e telemáticas. É preciso deixar claro que não se trata da substituição das cidades concretas, mas de uma reconfiguração profunda do seu ambiente, estabelecendo uma inter-relação entre espaços eletrônicos e espaços físicos. O local dessa rede de fluxo reestrutura e dá forma às cidades contemporâneas, não se opondo ao espaço de lugar (LEMOS, 2002). Ao contrário, a relação aí existente torna-se cada vez mais aguda, sendo que as ruas, os monumentos e as praças passam a coexistir com os espaços de fluxo. Há, assim, uma intensa relação entre esses dois elementos, permitindo a coexistência entre a cidade de concreto e a “cidade de bits”.

Criam-se os “lugares em rede”, conforme percebe Castells (2003, p.170), pois, (...) como a unidade é a rede, a arquitetura e a dinâmica de múltiplas redes são as fontes de significado e função para cada lugar. O espaço de fluxos resultante é uma nova forma de espaço, característica da Era da Informação, mas não é desprovida de lugar: conecta lugares por redes de computadores telecomunicadas e sistemas de transporte computadorizados. Redefine distâncias, mas não cancela a geografia. Novas configurações territoriais emergem de processos simultâneos de

concentração, descentralização e conexão espaciais, incessantemente elaborados pela geometria variável dos fluxos de informação global.

Nota-se, portanto, que apesar das tecnologias de informação e da comunicação influenciarem a transformação espacial das cidades, estas não chegaram ao seu fim. Ao contrário, cada vez mais e mais o mundo será urbanizado e a sua população concentrada em imensas áreas urbanas. As taxas desse crescimento evoluem rapidamente [4], reorganizando, aleatoriamente ou não, seus habitantes em “gigantescos nós metropolitanos”.

Para Milton Santos (2002), explicitar o conceito de rede é o primeiro passo para entender a configuração da geografia e, conseqüentemente, das cidades. Definições e conceituações se multiplicam, admitindo-se duas grandes matrizes: a que considera o seu aspecto, a sua realidade material, e a que leva em conta o dado social. A primeira diz respeito a “topologia dos seus pontos de acesso ou pontos terminais, seus arcos de transmissão, seus nós de bifurcação ou de comunicação”, e a segunda refere-se a valores políticos, sociais e mesmo às mensagens nela presentes.

Na pós-modernidade, que Santos (2002) identifica como período técnico-científico-informacional, os suportes das redes encontram-se, agora, parcialmente no território, nas forças naturais dominadas pelo homem (o aspecto eletro-magnético) e parcialmente nas forças recentemente elaboradas pela inteligência e contidas nos objetos técnicos (computadores). Uma das principais características do mundo atual, continua o autor, é a exigência de fluidez para a circulação de idéias, mensagens, produtos ou dinheiro interessando aos atores hegemônicos. Essa fluidez contemporânea é baseada nas redes técnicas que são um dos suportes de competitividade. Lugares e objetos são criados para favorecer essa fluidez: oleodutos, gasodutos, canais, autopistas, aeroportos, teleportos, etc. Constroem-se edifícios telemáticos, bairros inteligentes, tecnopolos.

Santos (2002) propõe a compreensão de que tal fluidez não é uma categoria técnica, mas uma entidade sociotécnica, não alcançando as conseqüências atuais se juntamente com elas não estivessem operando novas formas de ação. Logo, a fluidez torna-se um empreendimento conjunto do poder público e do setor privado.

Assim, concorda-se com o autor quando ele diz que a rede é global e, simultaneamente, local, múltipla e una, dinâmica e estável, revelando a superposição de vários sistemas que a compõem, sendo presidida pela necessidade global do mercado. Ao lado desse mundo fluido, encontram-se deslocamentos freqüentes, velocidades vertiginosas, além da banalidade do movimento, alusões a lugares e a coisas distantes, que em conjunto especificam e constroem novos meios e ambientes. Logo, compreender a organização da cidade contemporânea significa considerar que tanto o seu papel quanto o das comunicações são complementares, pois ambos

facilitam a comunicação econômica, social e cultural, embora de formas diferentes. Se de um lado as cidades são concentrações físicas que auxiliam a superação das restrições de tempo pela minimização das limitações de espaço, segundo Stephen Graham (2001), por outro as telecomunicações produzem efeitos opostos, superando as restrições de espaço pela minimização das limitações de tempo, e interligam pontos, ou nós, através de fluxos. A questão chave, portanto, é a conexão do espaço urbano e do espaço eletrônico.

De fato, é através do meio tecnológico que a concentração metropolitana e a interconexão global prosseguem simultaneamente, onde a economia integrada em rede é uma economia constituída de regiões muito grandes, interconectadas. Castells (1999, p. 185) explicita ainda que, (...) enquanto nossa economia e sociedade são construídas em torno de redes descentralizadas de interação, o padrão espacial dos assentamentos humanos caracteriza-se por uma concentração territorial sem precedentes da população e das atividades. Por que isso? Por que áreas urbanas e metropolitanas continuam a crescer em tamanho e complexidade, apesar de termos crescente capacidade tecnológica para trabalhar e interagir à distância? A razão fundamental é a concentração dos empregos, das atividades geradoras de renda, dos serviços e das oportunidades de desenvolvimento humano nas cidades, em particular nas maiores áreas metropolitanas.

A consolidação dos princípios que regem a economia mundial, cujo fundamento é dado pelas novas tecnologias de informação e comunicação e por suas amplas aplicações, não fez senão acentuar e acelerar esse processo de migração e de concentração urbana. Apesar da conexão entre espaços ser inevitável, como dito anteriormente, tal integração não é nem será necessariamente fácil.

4 PARA CONCLUIR

Mais do que indicar um pensamento fechado, acabado, apresentam-se aqui articulações de diferentes percepções acerca da cidade, já que, passível de múltiplas abordagens, sua problemática pode ser analisada através de diversos ângulos. Autores diversos foram utilizados na tentativa de clarificar tais percepções, em que seus conceitos, mais do que indicar a conclusão de idéias, apontam possibilidades e novos caminhos de interlocução da vida urbana.

Como diz Calvino (1990), uma cidade comporta muitas e ao analisar uma metrópole há que se perceber os espaços, tempos, memórias e identidades que ela abriga. Conceitos que se misturam e se entrelaçam nos lugares e ruas, vivenciados e

experimentados por grupos e atores que formam sua complexa sociedade. A cidade encoraja e autoriza a existência de diferentes identidades, mesmo que depois as renegue ou as exclua. É no espaço construído, ordenado e transformado que sensações, percepções e representações são elaboradas, projetando uma cidade que se deseja e se quer, em contraponto com a cidade que se tem.

A negociação intensa que ocorre no espaço urbano entre os atores sociais se dá, portanto, através de processos comunicacionais. Tais processos deixam suas marcas não só no traçado da cidade, mas também na visualidade nela inscrita. Conseqüentemente, o espaço urbano deixa de ser um mero cenário para as relações sociais, tornando-se uma instância ativa para a dominação econômica ou ideológica.

Porém, diante de um quadro mais amplo de (in)visibilidade das fronteiras geográficas, políticas, econômicas e culturais, que cada vez mais se impõe na contemporaneidade, emerge como um dos problemas oriundos da globalização a crise do sujeito. Mas esse é apenas um dos problemas encontrados naquilo que Castells (2003) chama de sociedade em rede. Outras variantes advindas dos processos de desterritorialização e globalização emergem no bojo desses processos, como as tensões entre memória e esquecimento, as lutas pela ocupação de espaços e os embates diários pela afirmação de identidades. Nas ruas das cidades, são inseridos cotidianamente imagens, sons e cheiros que renovam a paisagem urbana. Representações que são referenciais para determinados grupos e atores sociais que buscam através desses aspectos marcar seus lugares na grande metrópole contemporânea.

Mas, interessa-nos compreender que, se as forças globais afetam o desenvolvimento econômico e estrutural da vida urbana, novas estratégias de desenvolvimento são necessárias para a construção de pontes entre as práticas sociais e econômicas presentes nos espaços materiais e eletrônicos da cidade. Além disso, há que se revelar os laços comuns e os interesses ocultos nas estratégias que orientam as políticas urbanas recentes, com a plena entrega das cidades a um processo global de produção do espaço urbano.

Entender, portanto, a dinâmica da cidade eletrônica implica perceber um ordenamento complexo, interativo e instável que conta com a desordem expressa no acesso à rede e às diversas sociabilidades que ali se apresentam. Não se está inaugurando um mundo pós-urbano, conforme percebe Lemos (2002), muito pelo contrário, vive-se o reforço do urbano. O crescimento de espaços eletrônicos não dissolve as cidades, como tem sido freqüentemente anunciado, pois os lugares urbanos e os espaços de fluxo eletrônico influenciam-se mutuamente na cidade eletrônica. É importante apontar que toda cidade é, e sempre foi, composta por diversas redes [5] que permeiam todos os espaços da vida urbana contemporânea, seja esta física ou digital, integrando o mundo “através de redes globais de instrumentalização”. Deste modo, é viável afirmar que, assim como as redes urbanas (de transporte, gás,

eletricidade, telecomunicações) são a fundação básica de infra-estrutura para operar o moderno sistema econômico e social das cidades, as redes telemáticas são a nova chave para a compreensão das cidades. A rede urbana funciona, assim, como elemento estruturador do território, já que as cidades desempenham a função de nódulos dos sistemas de fluxos que os dinamizam. Na economia industrial, as redes urbanas estruturavam-se essencialmente por meio de fluxos materiais; sob o impacto das novas tecnologias de informação e comunicação (TIC), porém, os fluxos simbólicos tornam-se cada vez mais decisivos na definição das hierarquias urbanas e da capacidade de polarização de cada um de seus elementos. Remodela-se, assim, a base material da sociedade através das tecnologias da informação, estabelecendo uma “interdependência global, apresentando uma nova forma de relação entre a economia, o Estado e a sociedade”.

Retorna-se, mais uma vez, ao príncipe eletrônico.

Tal imagem representa a hegemonia e a soberania de forças presentes na sociedade global e, mesmo que não percamos a fé no ambiente público e na cultura, é preciso admitir que tal imagem - do príncipe eletrônico - adquiriu intensidade e abrangência nunca vistas anteriormente.

RESUMÉN

Este trabajo parte del estudio de Octavio Ianni sobre el juego de las fuerzas sociales para analizar las relaciones engendradas en las ciudades contemporáneas. Esta articulación permite visualizar, en el espacio urbano, interrogantes de suma importancia como el uso de las nuevas tecnologías comunicacionales, la idea de ciudad electrónica y ciudad global, así como la propia idea de globalización. Las ciudades se transforman y la comunicación que en ellas se establece recibe nuevos sentidos, instaurando un constante flujo informacional que acaba por transfigurar el espacio.

Palabras clave: Flujos Comunicacionales. Espacio. Ciudad Electrónica.

ABSTRACT

This work evolves from Otávio Ianni's analysis on the game of social forces to analyse the relations produced in contemporary cities. This joint analysis allows the visualization of important questions in the urban space, such as the use of new communication technologies, the idea of an electronic and global city, as well as the idea of globalization itself. The cities are changed and the communication thereby established acquires new directions, creating a constant informational flow that eventually changes the city landscape.

Key words: Communicational Flows. Space. Electronic City.

REFERÊNCIAS

CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CANCLINI, Nestor Garcia. **A globalização imaginada**. São Paulo: Iluminuras, 2003.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo : Paz e Terra, 1999.

_____. **A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

GRAHAM, Stephen. **Rumo à cidade em tempo real: desenvolvimento urbano numa sociedade globalizada e telemediática**. 2001. Disponível em: < www.wisotel.com.br/espaco_de_futuros/vcidade.htm > . Acesso em: 10 jul. 2003.

IANNI, Octavio. **Enigmas da modernidade-mundo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

_____. **A era do globalismo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

LEMONS, André. **Cidade-ciborgue**. 2002. Disponível em: <<http://radio.weblogs.com/0115727/stories/2003/11/04/cidadeciborgue>. Html> . Acesso em: 14 out. 2003.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Globalização comunicacional e transformação cultural. In: MORAES, Denis de (org.). **Por uma outra comunicação**. Rio de Janeiro: Record, 2003.

MUMFORD, Lewis. **A cidade na história**. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1965.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2002.

NOTAS

¹– Neste texto, preferimos utilizar o termo “cidade eletrônica”, para nos referirmos às novas configurações da cidade contemporânea, a termos como “cidade digital”, “telecidade”, cidade-ciborgue” ou “cibercidade” .

²– Ver autores que trabalham este conceito como Octavio Ianni, Nestor Garcia Canclini, Milton Santos, entre outros.

³– Canclini (2003) ainda diferencia cidades como Nova York, Los Angeles, Londres, Paris, Berlim, Tóquio e Hong Kong, designadas como globais, e cidades emergentes, aquelas de centros regionais como Barcelona, São Paulo, Cidade do México, Taipei e Moscou.

⁴– De acordo com dados fornecidos por Castells, segundo projeções , em 2020 63% da população mundial estará provavelmente vivendo em cidades e , em 2025 , cerca de dois terços estarão urbanizados.

⁵– Conceituar o termo rede é fundamental para esta pesquisa. Social ou política, interessa aqui percebê-la de acordo com as palavras de Milton Santos (2002), “como um espaço geográfico onde há a relação entre o que é fixo (assentamentos, complexos industriais, infra-estrutura) e o que é fluxo (transporte, informação, movimentação de capital)”. Logo, uma rede é o conjunto de pontos nodais atravessados por fluxos, devendo ser dinâmica e estar sempre se adequando aos fluxos. Portanto, rede urbana constitui um assentamento atravessado por fluxos que servem de fio condutor de vários movimentos na urbanização e na ocupação do solo.